

A MORTE, O ESPAÇO, A ETERNIDADE

António Carlos Cortez*

Metamorfoses é, nas palavras de Sena em posfácio ao livro de 1963, uma “meditação moral” do discurso poético “num sentido escatológico de inquirição aflita sobre as origens e os fins últimos do Homem.” Assim, “A Morte, o Espaço, a Eternidade”, se deve a sua composição à morte da mãe de José Blanc de Portugal, o “ente querido” que consta da dedicatória, igualmente deve muita da sua inspirada linguagem às circunstâncias históricas que determinam a sua atmosfera.

Contemporâneo do lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik 1, ainda que na primeira edição a imagem que se reproduz seja a da cápsula Vostok 2, este poema não deve ser lido, como será o caso de outros, como *ekphrasis*. A imagem escolhida na edição final ilustra, antes de mais, um problema essencial e angustiante, expresso nestes termos: “Não foi para morrer que nós nascemos, / não foi só para a morte que dos tempos / chega até nós esse murmúrio cavo, / inconsolado, uivante, estertorado, / desde que anfíbios viemos a uma praia / e quadrumanos nos erguemos. Não.” Estes versos são, desde logo pela força do incipit, um modo de afirmar que a humanidade, depois de ser vida na Terra, há-de ser ainda vida no Espaço. Produtor de cultura, o Homem pela cultura libertar-se-á das malhas da sua frágil condição. Lembre-se que o lançamento do Vostok 1 ocorre onze dias depois de o poeta escrever esta sua meditação e que Yuri Gagarin cumpre o profetizado por Giordano Bruno e Einstein, legitimando, pois, a força enunciativa de outros versos: “Não foi para morrermos que falámos, / que descobrimos a ternura e o fogo, / e a pintura, a escrita, a doce música. / Não foi para morrer que nós sonhámos / ser imortais, ter alma, reviver”.

De facto, é também como possibilidade de uma nova vida que se pensa a corrida ao espaço na passagem dos anos de 1950 para os anos de 1960. Sena

partilha a convicção de que a imortalidade humana é pre-determinada pela ânsia de procurar mundos outros (“podem os mundos acabar, que a Vida, / voando nos espaços, outros mundos, / há-de encontrar em que se continue.”), num desejo de suspender o império da Morte, esse limite anti-natural ao sonho de o Homem ser um deus. Mas o poema vive da contradição óbvia: a de saber-se que a morte, apesar de ser inerente à nossa condição, é a última fronteira a ultrapassar para o Homem garantir, na sucessão de gerações vindouras, a eternidade da espécie. A partir deste paradoxo o Espaço é o limite que urge decifrar. O Homem pode vencer a transcendência conquistado o Cosmos, e uma vez vencido o céu ignoto, será vencida a morte. Com ecos de certo Antero, em “A Morte, o Espaço, a Eternidade” dir-se-á que, no fim da trágica luta pela auto-superação, o Homem será os deuses que nos faltam e nos falham e Deus a criatura que se “encontrará nos nossos braços / quando chegarmos mais além de que ele”.

Daí a imagem de “um Sputnik”, símbolo do artifício humano, afinal uma construção cultural absolutamente oposta à natureza, artefacto humano que, rasgando a escuridão desconhecida, cumpre a própria definição humana: “[...] somos nós o que nega a natureza. [...]”. Se “Para emergir nascemos”, aqui fica selada a visão existencial do poeta, reforçada pelos factos da História: desde 1958 que a entrada na Era Espacial tinha acirrado a luta entre EUA e URSS e até 1969 o Homem pisaria a Lua, cumprindo as proféticas palavras de John Kennedy. Datado de 1 de Abril de 1961 (um Sábado de Aleluia), o texto reenvia para o “Dia das Mentiras”, mas reenvia também para a ressurreição de Cristo. Ironia e especulação metafísica, neste texto-rizoma convivem quer a crença de uma vitória humana sobre a morte (“Não há limites para a Vida”), quer a perplexidade perante o Sputnik ser a improvável (e quase mentira) vitória do Homem sobre o Transcendente. Complementando o lançamento do satélite Tiros 1, um ano antes, e provando, treze anos depois da Teoria do Big Bang, a superação do intelecto humano, o Sputnik era a Humanidade resgatada.

Outros poemas (“O Fim que não acaba”, datado de 28/8/1956, ou ainda “Close Reading”, de ’62), Giordano Bruno (*De La Causa, Principio e Uno*, lido na juventude) e Nicolau de Cusa (a alma não deve temer a morte, pois tudo é metamorfose) justificam a exaltação final: “A Vida Humana, sim, a respirada, / suada, segregada, circulada, / a que é excremento e sangue / [...] / Não há limites para ela. [...]”.

* Professor, poeta e crítico literário. Publicou quinze livros de poesia desde 1999. Em 2016 reuniu a sua poesia no volume *A DOR CONCRETA*, com que recebeu o Prémio Teixeira de Pascoaes/ Associação Portuguesa de Escritores (2018). Publicou no Brasil, uma primeira antologia, *O TEMPO EXACTO* (Ed. Jaguatirica) e *CORVOS COBRAS CHACAI*S, finalista do Prémio Oceanos. Em 2019, publicou *VOLTAR A LER – Poesia, educação e outros ensaios*. Na chancela Dom Quixote publicou *ANIMAIS FERIDOS* (2016) e *JAGUAR* (2019). Traduzido no México com a antologia *EL MILAGRO VIVE* (Ed. Biblioteca ISSSTE, 2018). Em 2019 saem reuniões em França e em Moçambique. No prelo, a sair no Rio de Janeiro, *A POÉTICA CO(M)DICÇÃO – 15 POETAS BRASILEIROS* (ed. Gato Bravo).